

RECORTES DE IMPRENSA

ENSINO SUPERIOR/ORGANIZAÇÃO ESTUDANTIL

A Associação Académica de Coimbra é a maior associação estudantil do País. Também agora parece ser a mais caótica de todas, com um passivo da ordem dos 38 mil contos. A presidente da Direcção, Ana Paula Barros, falou ao «DP» sobre o passado recente e o futuro da organização.

ACADÉMICA DE COIMBRA

A SITUAÇÃO É CAÓTICA

• COSTA SANTOS texto VÍTOR RAMOS fotos

COM a eleição de Ana Paula Barros acontece a segunda vez em que uma mulher ocupa a presidência da direcção da Associação Académica de Coimbra. Da primeira, tal cargo coube a Clara Rocha, filha de Miguel Torga.

A força do voto leão impôs, muito embora todo um programa de acção, toda uma estratégia de mudança e todo um conjunto importante de problemas da população universitária, haviam pesado no momento decisivo de colocar o voto na urna.

Quantas questões não se poderiam levantar já, olhando o passado recente, o presente importante e o futuro determinante para quem vê no canudo a estabilidade de vida?

Ana Paula Barros usou como lema «Servir a Académica, unir os estudantes». No fundo, em meio dúzia de palavras, todo um programa de acção que se poderia escaqueirar em muitas e muitas páginas.

E, há que dizê-lo, o eleitorado académico entendeu bem este projecto e, com a força do voto, avalizou-o.

Da campanha à acção, das intenções, à prática, dos planos à execução dos mesmos. Disse-nos Ana Paula Barros:

«Quando tomámos posse, já sabíamos que íamos encontrar uma situação extremamente grave, quer em termos económicos, quer também, em termos de organização interna. Sabíamos que não íamos ter a possibilidade de estudar na íntegra o estado da Associação Académica, de forma a podermos iniciar, logo à partida, todo um trabalho com as secções e com

dem dos doze/treze mil contos — aquilo que a anterior Direcção-Geral dizia que tínhamos — mas deparámo-nos com uma dívida que ascende aos vinte e três mil contos e um passivo que ronda os trinta e oito mil e quinhentos contos!

«Como pode ver, como qualquer pessoa pode ver, as diferenças entre o que se «diz» e a realidade, são muito grandes.»

É vulgar, quando se toma a direcção de um qualquer organismo, fazer a crítica de quem esteve nesse mesmo lugar, anteriormente, com base em documentação.

Ana Paula Barros prosseguiu: «Já tivemos oportunidade de levar todos estes elementos ao Rector, acima de tudo porque pensamos que, como órgão máximo da Universidade, ele deveria ter conhecimento antecipado daquilo que íamos fazer e do estado em que encontráramos a Associação Académica. Por outro lado, é claro que toda a Académia terá de saber os «quês» e «porquês», bem

como todo o País, naturalmente.»

«Há factos que importa focar, que importa escaqueirar. Gestaram-se há três anos, num autotorno, três mil e quinhentos contos em carpenteria, pintura e estofos e, agora, o veículo precisa, para voltar a andar, de uma reparação de mil contos com peças em segunda mão. Todos precisam de saber isto, já que é necessário um grande movimento de solidariedade em torno da AAC.»

«Em termos gerais, quando envolvem os gastos normais da Associação Académica de Coimbra? — perguntámos.

«Incluindo tudo, uma verba que ronda os sessenta mil contos/ano.»

«Sem cursos de gestão, considera que os estudantes estão minimamente preparados para gerir todo esse dinheiro?»

«Essa pergunta tem duas vertentes: se me pergunta se os estudantes têm um passado de gestão pura, se são gestores profissionais, dir-lhe-ia que o não são. E porque o não são,

talvez tivéssemos tido as gerências que tivemos nos últimos anos. Se me pergunta se é necessário um gestor profissional, responder-lhe-ia que, neste momento, na Académica, ainda não há. Nem, julgo, em Coimbra se encontrará quem tenha um espírito suficientemente aberto e uma formação académica suficientemente aberta para entender o modo como se deve gerir ou como se pode gerir esta casa.

Aquilo que tentámos foi encontrar uma pessoa experiente ou seja uma pessoa que esteja integrada nos grandes movimentos administrativos.

«Isso exigia, primeiro, um indivíduo que tivesse passado por uma secção e, de preferência, um organismo autónomo e que já estivesse habituado a lidar com muito dinheiro, habituado a fazer opções económicas correctas e, segundo, uma pessoa que tivesse o espírito da Associação e que fosse aluno de Economia. Foi isso que encontramos no Alcino Passilha, que já foi tesoureiro do Coro Misto e é estudante do 4.º ano de Economia.»

«Disse que era difícil a esta direcção conhecer a «casa». Já a conhece?

«Sim, muito embora ressalve, naturalmente, que não conheci a casa em todos os seus pormenores, mas já tenho uma ideia muito clara que me permitiu a mim, e à Direcção-Geral, ter começado a trabalhar.

«Othendo para a frente, que espécie de diálogo irá existir com todas as secções?

«Como lhe disse, os «doctores» que encontramos não estavam, de forma alguma, actualizados. Tínhamos toda a documentação de 85 para trás mas de 85 para a frente são raros os arquivos, os pedidos, as concessões de subsídios. Isto na parte cultural. Já na parte desportiva as coisas estão mais ou menos organizadas, talvez porque, neste campo, existe um funcionário a tempo inteiro. Também na parte dos serviços sociais os «doctores» estão correctos.

«Por isso, aquilo que fizemos foi reunir com as secções, uma por uma, saber como estavam,

qual o plano de actividades, o que lhes tinha sido atribuído pela direcção anterior, qual o relatório de contas, os projectos a médio e longo prazo, enfim, como pretendem progredir como secção. Tudo isto para que, na medida do possível, as possamos estimular e, simultaneamente, conciliar o nosso programa, enquanto Direcção-Geral, com aquilo que as secções por si e os organismos autónomos por si e em conjunto estão a fazer!

«É este diálogo, este espírito aberto que queremos concretizar, pois entendamos que só assim se gera a harmonia interna, a harmonia que permite progredir.»

Coimbra e a sua Associação Académica. Raízes que se partem, laços que se quebraram? Verdade ou não que a Associação Académica já está desenraizada da cidade?

«Nos últimos tempos é um facto que a Associação Acadé-

nica tem perdido as suas ligações com a cidade. Há movimentos que tentam obter a isso, nomeadamente as actividades dos organismos autónomos; as Bienais de Teatro Universitário; os Encontros de Fotografia; as realizações conjuntas da Associação Académica e dos seus organismos como a Aliança Francesa e a Casa de Inglaterra, levadas a cabo no Teatro de Gil Vicente; as V Jornadas de Cultura Popular, organizadas pela GEFAC; o Centenário da Tuna; o Cinquentenário do TEUC, integrado na Bienal. Há, enfim, uma tentativa de aproximação da Associação Académica com a cidade. Mas duvidosa é a resposta que a cidade irá dar e o interesse que a cidade tenha em progredir lado a lado com a Associação Académica.

«Falou em muitos organismos autónomos. Curiosamente não falou no organismo autónomo de futebol. Porquê?

«O organismo autónomo de futebol é, como se diz no protocolo estabelecido e assinado em 1984, «um organismo autónomo sui generis». Ser sui generis significa ser diferente. E o antigo organismo da Associação que tem equipas profissionais, é uma equipa pro-

fissional de futebol que tem por objectivo, no protocolo que foi assinado em 1984, a obrigação de manter vivo o espírito académico de sempre — e muito bem —, e que é — ou deveria ser — um elemento de ligação entre as diversas gerações de estudantes, na sua cultura e no seu desporto (é o que estabelece o artigo primeiro do protocolo). Enfim, é um organismo autónomo realmente sui generis.

«Considera que ele tem cumprido as suas funções ou se tem afastado delas?

«Enquanto portador do símbolo da Associação Académica, é verdade que o Futebol da Académica tem levado mais longe as cores da Académica e que qualquer pessoa, quando a equipa entra em campo, se lembra de Coimbra; mais do que isso... vamos ver!

«No passivo que abordou escaqueou-se que houve um centenário, que impôs gastos para ser comemorado com a dignidade que se impunha.

«Se a comemoração do centenário teve dignidade ou não, isso é outro problema. Agora, que de facto foram feitos gastos com o centenário, é óbvio e está nas nossas contas, com cada sócio a poder verificá-los. As prioridades definidas para esses mesmos gastos são, porém, discutíveis. E por isso também que todos terão o direito de conhecer tais coisas e de as analisar friamente. É duvidoso e muito discutível a definição

Associação Académica
de JF

Univ. Coimbra

RECORTES DE IMPRENSA

ENSINO SUPERIOR/ORGANIZAÇÃO ESTUDANTIL

1/2

1/2

de prioridades que se fez, para os gastos.

— De exemplos...

— Dou-lhe um exemplo de cento e vinte contos em flores para o baile do centenário. Por muito caras que as flores estejam, cento e vinte contos deveriam chegar para cobrir a Capela da Universidade com essas mesmas flores. E não creio que foi isso que aconteceu. Mas há mais: há cento e trinta contos gastos em cortinados que não aparecem em lado algum; há uma conta astronómica em esmumante; há umas viagens com contos de cento e tal contos, a Lisboa, e de dois e três dias, com estada em hotéis de cinco estrelas.

— Agora já não se viaja de comboio, já não há hotéis em condições sem serem os de luxo e enfim por tudo isto, pela documentação que está patente aos nossos olhos, existiu, por parte da anterior Direcção-Geral, uma vivência muito confortável.

— Não me diga que não ficou nada de positivo da anterior gerência.

— O que ficou de positivo foi a nossa vitória. É difícil responder a isso. Talvez tenha ficado um palco no jardim da Associação. Ficou uma coisa que é importante que se diga: a renovação dos sanitários da Associação. Falo a sério, porque foi importante a abertura de instalações sanitárias em todos os pisos, como importante foi a remodelação da instalação eléctrica.

— Mas esta alternância, repito, traz responsabilidades.

— Ah! pois traz. Ao fim de um ano mostraremos à Academia, como esperamos, que valeu a pena apostar num projecto diferente, em pessoas diferentes.

— Realizações imediatas?

— No dia 24 de Março, o primeiro café-concerto, no bar da Associação, com poesia de Eugénio de Castro. E estes café-concertos ir-se-ão manter todo o ano, destinando-se a preparar terreno para uma coisa que será lançada nos finais de Março, princípios de Abril, e que será a reedição de mostras de poesia. Em meados de Abril, de 16 a 22, teremos a Semana da Cultura da A. A., levando à cidade e à Academia, o que se faz. Para isso, haverá um dia dedicado a cada organismo autónomo que trará o seu próprio programa, em espaços novos, nos vários pontos da cidade.

— Isso é reconhecer a necessidade de levar a cultura para fora da Universidade...

— Sem dúvida que sim. Tentar manter dentro das portas da Associação Académica a cultura que lá se faz será assassinar a cultura da Associação Académica.

Associação Académica. Gestor
Univ. Ecomina